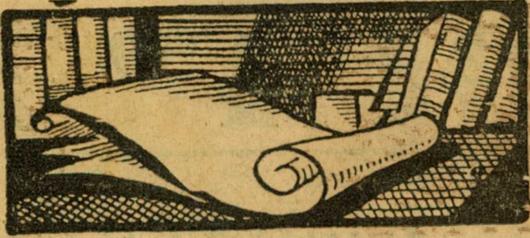


54/03/11
Mário Cavaco
p. 4

Rio de Janeiro, Domingo, 11 de Março de 1951

DIÁRIO CARIOCA



Petras

ANDRÉ GIDE

Sergio Buarque de Holanda

O desaparecimento de André Gide numa idade em que os autores célebres assumem facilmente a figura do pontífice ou a do patriarca, força nossa atenção sobre o caso, sem dúvida singular, em seu país, de um espírito eminentemente que sempre se esquivou à glória prolecta e laureada.

Em quem desde cedo erigira o desapareço aos padrões estáveis numa espécie de lei moral, não caberia esperar, com efeito, que a velhice se associasse a uma imagem de tranquilo e venerável triunfo. Entre o autor dos cadernos de André Walter, publicados há sessenta anos, e o de *Teseu*, existe somente a distância no tempo e a que separa da inexperiência a maturidade. Mas maturidade, neste caso, quer apenas dizer enriquecimento e também depuração de recursos e de sensibilidade. Em certo sentido não há exagero em dizer que as últimas publicações de Gide, mais do que as primeiras, denunciavam despreendimento de convenções sem plausível fundamento, e independência em face das circunstâncias exteriores que tiranizam o livre exercício da imaginação. Por isso pode-se também dizer que revelam, idealmente, ao menos, maior juventude de espírito.

Ele próprio, descreveu-nos, em certa ocasião, seu itinerário poético notando como vivia às avessas sua vida, e como, no instante da velhice, sentia por vezes que sua verdadeira mocidade estava para começar. Minha alma", acrescentava, "amanheceu toda coberta de rugas; rugas que nela traçaram obstinadamente meus antepassados e meus pais, e que em alguns casos muito trabalhei por desfazer. A esse resultado chegou, enfim, não através de insana luta, mas de manhosa porfia. Conquistou-o com o assentimento dos deuses.

Sua capacidade de despreendi-

mento, que não exclue todavia o fervor (antes o inclue na sua maior pureza e isenção), somada ao gosto da forma justa e perfeita, que é, por sua vez, como um tributo à sabedoria dos séculos, gesto de fidelidade aos mestres do passado, dão-lhe silhueta inconfundível, ao mesmo tempo em que parecem explicar o papel preeminente que lhe viria a caber numa das fases mais fecundas da história das letras francesas. Confluência das forças mais dispareas, que em sua obra irão formar, no entanto, uma harmonia ditosa e única, ele pôde, melhor do que ninguém, tornar-se intérprete de uma época singularmente acessível à ação de múltiplas influências espirituais. E assim como não parece licito separá-lo do tempo em que viveu, também não se poderá, sem violência, isolar de sua produção artística este ou aquele aspecto determinado, ou qualquer das diferentes partes que a compõem. No conjunto dessa obra e dessa vida, nenhuma peça se destaca em particular, nenhuma tem o privilégio de poder substituir-se ao todo e de representá-lo de modo legítimo.

É certo que o próprio Gide chegou a afirmar certa vez que existe um ângulo especialmente apto para a consideração de sua obra, e este seria o ângulo estético. Mas tal afirmação há de ser entendida sobretudo em face da profusão insistente de escritos que se ocupam do "retrato moral", da "filosofia da disponibilidade" ou do "ato gratuito", do "verdadeiro drama", até da "fórmula" de um autor que nos oferece tão numerosas facetas.

Não é por acaso, nem é por en-

gano, que, salvo no livro, em verdade exemplar, que lhe dedicou ean Hytier, onde se procura dar preferência aos problemas de ordem estética, a maioria dos estudos que até agora foram inspirados por seus escritos, são de larga moldura, estudos em que a biografia e a crítica, as questões morais e as idéias, em geral, se disputam entre si o interesse do analista sem restringi-lo a nenhum elemento exclusivo. E quando sucede que a atenção do crítico se orienta para algum aspecto particular, é o moralista quase sempre, não é o artista, quem merece os maiores cuidados. E é o homem, tanto quanto o escritor.

Mas como examinar separadamente as partes, só na aparência distintas, do conjunto, sem recorrer a uma dissecação que levaria por força a perder de vista a unidade vital que reúne e anima essas partes? Não é o mesmo Gide quem, mais do que qualquer dos seus críticos, recorre ao pormenor biográfico para fazer apreender certas qualidades intrínsecas da própria criação literária? Nascido em Paris, de pai meridional e mãe normanda, é essa dualidade de origens, acrescentada à de confissões religiosas — protestante do lado paterno e católica romana do materno — que lhe parece explicar a própria genese de sua vocação artística. "Nada mais diferente", escreve, "do que essas duas famílias; nada mais diferente do que essas duas províncias francesas que conjugam em mim suas contraditórias influências. Por vezes me tenho persuadido de que fui forçado, à obra de arte porque só através dela podia realizar o acórdio entre esses elementos bem diversos, que do contrario ficariam a combater-se ou, ao menos, a dialogar em mim". Em outra passagem da sua obra, dirigindo-se a Barrés, pôde excluir: "Né à Paris, d'un père uzélien et d'une mère Normande, ou voulez-vous, monsieur Barrés, que je m'enracine". Só lhe pareciam capazes de fixidez, por isso de afirmações poderosas e peremptórias, aqueles cuja singela hereditariedade impele numa direção única. Quanto aos produtos de heranças divergentes, onde coexistam e se avolumem, neutralizando-se reciprocamente, exigências contrárias, entre estas é que se recrutariam os árbitros e os artistas.

A própria data de seu nascimento — 21 de novembro de 1869 — é motivo de especulações no mesmo gênero para quem escrevera na epígrafe de um dos seus livros a frase significativa: "Os extremos me tocam". No dia 21 de novembro precisamente, declara em seu diário, nossa terra sai da influência do Escorpião para entrar na do Sagitário. "E por minha culpa, se vosso Deus teve o cuidado de me fazer nascer entre duas estrelas, fruto de dois sangues, de duas províncias, de duas confissões?"

NA aversão à fixidez, à comodidade, à suficiência, que lhe parecem como uma antecipação da morte, exprime-se de modo admirável o sentido da época em que sua obra pôde aparentemente congregar maiores adesões e em que um crítico ilustre pôde dizer de Gide que era o "contemporâneo capital". A primeira grande guerra, apagando a lembrança de um passado que ia parecer cada vez mais remoto, e abrindo os olhos para perspectivas cada vez mais insólitas, parecia dar razão àquele que, já num escrito de mocidade, as *Nourritures Terrestres*, tivera por intolerável a necessidade de opção: "Escolher", dissera então, "parecia-me não tanto eleger como repelir o que eu não elegia".

Despida de todo elemento emotivo, e transposta para a pura vertente intelectual, essa atitude também a vamos encontrar na obra de outro autor que, ao lado de Gide e de Proust, dominou o panorama literário da França em seu tempo. A própria palavra "disponibilidade", com o sentido que mais tarde lhe deram, e que no autor dos *Moedores Falsos* foi tantas vezes objeto de críticas e polémicas acerbas, aparece pela primeira vez caracterizada na fábula de Mr. Teste, de Paul Valéry. Teste-Valéry pertence bem claramente a essa raça: "Les disponibles, ceux qui épuisent la vie, ceux qui épuisent l'esprit..." E não é ainda a mesma atitude que se manifesta, a seu modo, na obra de Proust, com aquela passividade e constante disponibilidade ante as reverberações de um passado extinto e que só retomará corpo no mundo das idéias?

É possível, já hoje, reconhecerem-se as limitações de um ponto de vista que, ao menos em sua expressão mais simples, pode resultar de ilusório capricho. A aqui-

escência a certas determinações, plena e livremente aceitas, não se confunde, muito ao contrário, com a submissão, por indolência, por comodismo e por covardia, a forças exteriores respeitáveis ou opressivas. E contra os partidários desta espécie de submissão, tantas vezes apregoada em nome de necessidades só aparentemente veneráveis, ainda prevalece, apesar de tudo, a advertência constante de André Gide. Advertência que nele toma a feição antes de uma apologia *pro domo* do que de um ensinamento. "Compreendo bem", disse, "aqueles que, carecendo de forças suficientes para sujeitá-los, deliberam repelir, antes mesmo de os conhecer, os elementos anárquicos que trazem em si. Quanto a mim, porém, convencido pela experiência e pela história, de que as forças mais úteis são as que se mostram a princípio mais temíveis, e assegurado, além disso, do império de meu espírito, nunca me preocupei em repelir nada do que eu pudesse domesticar e o que tivesse a certeza de que me traria bom proveito". Há nestas palavras um pouco da mensagem essencial, e perenemente válida, de quem foi, sem dúvida, o maior escritor francês do seu tempo e do nosso.

Remessa de livros:

Rua Haddock Lobo, 1625 — São Paulo.